COMUNICAÇÃO ORAL - GT 10 - IMAGINÁRIO, MEMÓRIA E RELAÇÕES DE AFETO

ENTRE O ANALÓGICO E O DIGITAL: MEMÓRIA, ENVELHECIMENTO E LETRAMENTO DIGITAL COMO PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA E PERTENCIMENTO

Sindia De Almeida Rech (sindiarech@gmail.com)

Mario Abel Bressan Júnior (marioabelbj@gmail.com)

O presente trabalho propõe uma reflexão teórica sobre as relações entre memória, envelhecimento e letramento digital, tomando a interseccionalidade e a decolonialidade como lentes analíticas para a compreensão das práticas discursivas na cultura digital contemporânea. Inserido no campo das Ciências da Linguagem, o estudo problematiza como as narrativas de memória de pessoas idosas são produzidas, mediadas e, muitas vezes, silenciadas no ambiente digital. Parte-se da compreensão de que as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), embora ampliem as possibilidades de registro, armazenamento e circulação das memórias, também produzem novas formas de exclusão social e epistêmica, especialmente para grupos historicamente invisibilizados nos processos tecnológicos. Fundamenta-se teoricamente em Vieira Pinto (2005), Halbwachs (1990), Bosi (1994), Assmann (2011), Walsh (2009), Carneiro (2005) e Akotirene (2019). Discute-se que as

tecnologias digitais não operam de forma neutra, uma vez que são atravessadas por relações de poder, desigualdade e disputas em torno da produção de sentidos e do direito à memória. A perspectiva decolonial possibilita problematizar a colonialidade do saber presente nas tecnologias contemporâneas, evidenciando como determinados sujeitos e epistemologias permanecem historicamente marginalizados. Em diálogo com essa discussão, Carneiro (2005) contribui ao evidenciar o epistemicídio como mecanismo de apagamento e deslegitimação de saberes subalternizados. Articulada a essa perspectiva, a interseccionalidade, conforme Akotirene (2019), permite compreender que marcadores sociais como raça, gênero, classe, território, escolarização e idade influenciam diretamente as experiências de pessoas idosas no ambiente digital, produzindo formas distintas de exclusão. No campo da memória, o trabalho dialoga com Halbwachs (1990), Bosi (1994), Jan Assmann (1995) e Aleida Assmann (2011), compreendendo a memória como fenômeno social, cultural e experiencial. Discute-se que, na contemporaneidade, e o suporte das memórias desloca-se do físico para o digital, alterando as formas de registro, preservação e acesso às lembranças. Entretanto, sem condições adequadas de letramento digital e mediação, fotografias, vídeos e arquivos pessoais tendem a permanecer dispersos em plataformas digitais, dificultando sua recuperação e ressignificação. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza teórico-analítica, fundamentada na revisão bibliográfica e na articulação crítica de referenciais teóricos das áreas de memória, decolonialidade, interseccionalidade, envelhecimento e tecnologias digitais. A pesquisa empírica ainda se encontra em desenvolvimento, constituindo este estudo uma etapa inicial de fundamentação teórica. Além da revisão bibliográfica, utilizaram-se ferramentas de inteligência artificial generativa, como ChatGPT, Claude e NotebookLM, como instrumentos auxiliares na organização e revisão textual, sem substituição da autoria intelectual e da análise crítica da pesquisadora. Nessa perspectiva, o letramento digital no envelhecimento precisa ser compreendido como um processo social, cultural e discursivo que ultrapassa o domínio das ferramentas digitais e dispositivos tecnológicos, envolvendo acesso, autonomia, pertencimento, preservação da memória e valorização das

narrativas de pessoas idosas enquanto patrimônios sociais, culturais e históricos.

Palavras-chave: memória envelhecimento interseccionalidade decolonialidade letramento digital.